



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ESCOLA DOS CONSELHOS
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

MARTA MARIA FERREIRA

CONSUMO DE CRACK: assunto de sala de aula?

RECIFE

2013

Titulo: CONSUMO DE CRACK: ASSUNTO DE SALA DE AULA?

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Direitos da Criança e do Adolescente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, departamento de educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

ACADÊMICA: Marta Maria Ferreira
PROFESSOR ORIENTADOR: Prof. Dr. Hugo Monteiro

RECIFE

2013

Ficha Catalográfica

F383c Marta Maria Ferreira
Crack: assunto de sala de aula? / Marta Maria Ferreira. –
Recife, 2013.
40 f. : il.

Orientador (a): Hugo Monteiro Ferreira.
Monografia (Pós-Graduação em Direitos da Criança e do
Adolescente) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Educação, Recife, 2013.
Referência.

1. Crack 2. Drogas – Prevenção 3. Escola I. Ferreira, Hugo
Monteiro, Orientador II. Título

CDD 346.0135

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

MARTA MARIA FERREIRA

CONSUMO DE CRACK: assunto de sala de aula?

Monografia aprovada no dia ____ / ____ / ____, no Departamento de Educação da UFRPE.

Professor(a) Orientador(a) _____

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, que sigo e acredito, a Ele que me revestiu de força nesta longa jornada. A minha família, por todos os incentivos. Em especial a minha genitora Irene Maria da Silva Ferreira e a minha querida irmã Eunice Maria Ferreira, que sempre estiveram ao meu lado, amo vocês.

Ao departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco, a Escola de Conselhos de Pernambuco, em especial aos professores Humberto Miranda, Valéria e Hugo Ferreira. Aos demais professores que contribuíram imensamente na minha formação acadêmica.

Aos meus amigos da especialização, por todos os momentos bons e ruins que passamos juntos, guardarei todos em um lugar especial em meu coração.

Aos meus amigos do trabalho, pela paciência de aguentar as minhas lamentações a respeito da construção da monografia.

Aos meus amigos da igreja, em especial Jardiclebson Carvalho, pela sua contribuição direta na materialização desse trabalho.

Obrigada!

RESUMO

Portanto, o presente trabalho tem como desígnio analisar os conhecimentos científicos dos alunos sobre o crack, como também traçar o perfil destes. Objetivando compreender o rápido desenvolvimento (penetração) do crack e sua potência como problema social grave e avaliar os fatores que motivam a iniciação neste.

Este projeto foi desenvolvido para se trabalhar com alunos do 2º grau, que apresentem uma faixa etária entre 15-20 anos. Há dois pontos de partida na elaboração do projeto, a questão que justificará o projeto, e as competências que serão desenvolvidas na solução dessa situação-problema, para que no fim do projeto, se tenha um produto final, que possa de fato ser implantado.

ABSTRACT

Therefore, the present study is to analyze the design students' scientific knowledge about the crack, as well as profiling of these. In order to understand the rapid development (penetration) of crack and its potency as a serious social problem and evaluate the factors that motivate this initiation.

This project was developed to work with students from 2nd grade, who have an age range between 15-20 years. There are two starting points in developing the project, the issue that will justify the project, and the skills that will be developed to solve this problem situation, that at the end of the project, has a final product that can actually be implemented.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVO GERAL	9
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3.1 CAPÍTULO 1: Crack: Origens e características físicoquímicas	11
3.1.1 O que é o crack?	11
3.1.2 Onde surgiu o crack?	11
3.1.3 Onde o crack é mais consumido?	11
3.1.4 Quem consome o crack?	12
3.1.5 O corpo humano e as reações diante do crack.....	12
3.2 CAPÍTULO 2: O crack e a escola	15
3.2.1 Como o crack entra na escola	15
3.2.2 Como a escola tem reagido ao problema do crack	15
3.2.3 Como o crack pode sair da escola	15
3.2.4 O crack traz a violência para a escola	21
3.3 CAPÍTULO 3: A pesquisa de campo	22
3.4 CAPÍTULO 4: O papel do Conselho Tutelar	24
4 METODOLOGIA	25
4.1 Contexto da pesquisa.....	25
4.2 Professores participantes.....	26
4.3 Instrumento de pesquisa.....	26
4.4 Etapas que foram vivenciadas.....	26
4.5 Análise dos dados.....	26
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
6 CONCLUSÃO	38
7 REFERÊNCIAS	39

1.0 INTRODUÇÃO

Estudos mostram que grande parte dos adolescentes usuários de drogas, tiveram o primeiro contato com substâncias psicoativas ainda cursando o ensino fundamental, que a falta de conhecimento sobre o efeito das drogas séria um dos fatores cooperadores para o consumo.

Analisando um dos pontos altos da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional, que reconhece a importância do ensino e aprendizagem de valores vinculados à cidadania, consideramos a escola um espaço propício para a execução da prevenção contra o crack.

A esse respeito, Libâneo (1998), afirma que a escola com a qual sonhamos deve assegurar a todos a formação que ajude o aluno a transformar-se em um sujeito pensante, capaz de utilizar seu potencial de pensamento na construção e reconstrução de conceitos, habilidades e valores.

Ao refletir acerca de uma base de conhecimentos necessários aos adolescentes, ressaltamos a importância do papel da escola, em fornecer conhecimento científico e sua influência na vida de cada indivíduo.

Este projeto visa fornecer elementos que venham corroborar com a construção de políticas públicas voltadas a prevenção contra o crack, utilizando para este fim o cenário escolar, objetivando evidenciar a realidade da Escola Estadual João Paulo I, situada na Rua Doutor Fábio Maranhão, s/n, Guararapes, Jaboatão dos Guararapes/PE, atrelando a categoria destacada por Shulman (1987) em relação ao conhecimento pedagógico do conteúdo. Diante deste contexto, elencamos o seguinte problema de pesquisa: Quais as principais dúvidas enfrentadas pelos alunos do ensino médio, da escola João Paulo I, a respeito do consumo de crack.

2.0 OBJETIVO GERAL

Analisar os conhecimentos prévios dos alunos da escola João Paulo I, sobre a temática do crack.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar a visão dos alunos acerca de seus conhecimentos sobre a temática do crack.
- Avaliar a concepção dos professores a respeito das intervenções já realizadas pela escola abordando o problema do crack.
- Propor um plano de aula voltado a trabalhar a temática do crack em sala.

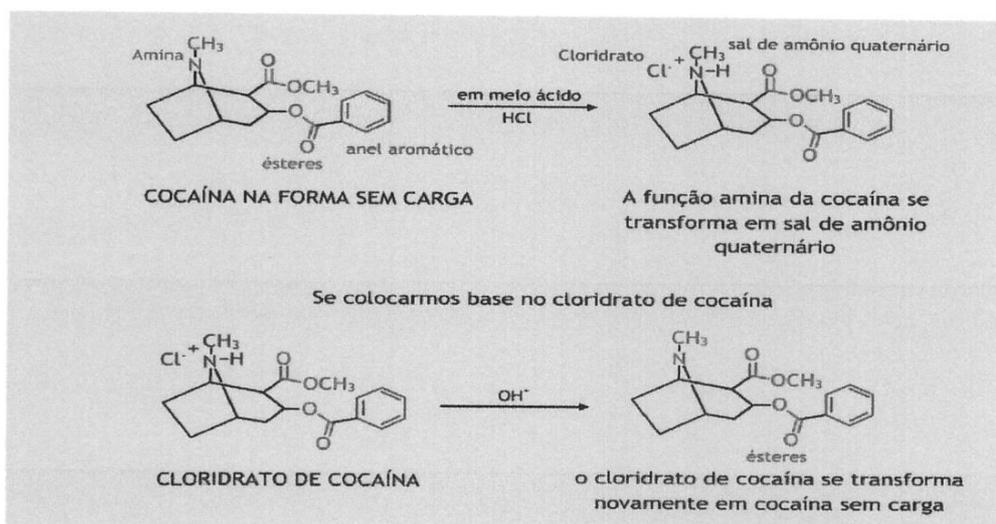
3.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Capítulo 1: Crack: origens e características físicoquímicas

O crack é uma droga psicotrópica ilegal. É denominada psicoativa porque atua diretamente no sistema nervoso central. Conforme Jandira Masur e Carlini (2004), a produção do crack se dá a partir do tratamento do sal da cocaína, principalmente o cloridrato, que tratado com bicarbonato ou amônia resulta na cocaína base. Apresenta-se sob a forma de um bloco sólido, o rock, que se quebra em pedaços, o crack. Pode ainda ser obtido a partir da cocaína presente nos solventes, neste caso, não tratados pelos ácidos.



(Erythoxylum – Coca)



(Reações com o cloridrato de cocaína em meio ácido e básico)

O crack é uma forma de cloridrato de cocaína, é muito volátil quando aquecido. Para passar do estado sólido ao de vapor, quando aquecido, o crack necessita de uma temperatura relativamente baixa (95°C).

3.1.1- O que é o Crack

Segundo, a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD 2010) o crack é uma mistura de cloridrato de cocaína (cocaína em pó), bicarbonato de sódio ou amônia e água destilada, que resulta em pequeninos grãos, fumados em cachimbos. É mais barato que a cocaína mas, como seu efeito dura muito pouco, acaba sendo usado em maiores quantidades. Estimulante seis vezes mais potente que a cocaína, o crack provoca dependência física e leva à morte por sua ação fulminante sobre o sistema nervoso central e cardíaco. As pessoas que experimentam o crack sentem uma compulsão de usá-lo de novo, estabelecendo rapidamente uma dependência física, pois querem manter o organismo em ritmo acelerado.

3.1.2 - Onde surgiu

O crack surgiu na década de 70, sua história está diretamente relacionada com a da cocaína, droga que surgiu nos anos 60 nos Estados Unidos. Por ser uma droga cara, a cocaína era, apelidada de “a droga dos ricos”. Esse foi o principal motivo para a criação de uma “cocaína” mais acessível. No Brasil, a droga chegou no início da década de 1990 e se disseminou inicialmente no Estado de São Paulo.

3.1.2- Onde o crack é mais consumido

Segundo reportagem da revista Veja, Um estudo da Confederação Nacional dos Municípios revela que o crack é consumido em 91% das cidades brasileiras. A pesquisa foi feita em 4.430 das 5.565 cidades do país. O estudo mostra ainda um aumento no percentual de consumo de crack em relação às outras drogas, vindo seus usuários das mais variadas camadas sociais. Alguns pesquisadores atribuem essa procura pelo crack, devido a falta de dinheiro do usuário para adquirir drogas mais sofisticadas, ou até mesmo a busca por drogas que provoquem efeitos mais fortes, ou somente por curiosidade.

A mídia costuma chamar, os locais públicos onde há aglomerados de usuários de crack de cracolândia. Nesses espaços o crack é vendido e consumido ao ar livre. Atualmente, pode-se dizer que há uma verdadeira "epidemia" de consumo do crack no País. Segundo pesquisa do Instituto Nacional de Pesquisa de Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas (INPAD) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o Brasil é o maior mercado consumidor de crack do mundo.

A disseminação do uso do crack configura ainda um grave problema de saúde pública, com tendência a acarretar forte impacto para o custeio do sistema público de saúde. Já existem precedentes e decisões de Tribunais de Justiça condenando o Poder Público Estadual a custear tratamentos a usuários crônicos da droga compulsoriamente.

3.1.4- Quem consome o crack

De um modo geral, o usuário de crack já usa outras drogas, principalmente cocaína, e passa a utilizar o crack por curiosidade, para sentir efeitos mais fortes, ou ainda por falta de dinheiro, já que ele é bem mais barato por grama do que a cocaína. Todavia, como o efeito do crack passa muito depressa, e o sofrimento por sua ausência no corpo vem em 15 minutos, o usuário usa-o em maior quantidade, fazendo gastos ainda maiores do que já vinha fazendo. Para conseguir, então, sustentar esse vício, as pessoas começam a usar qualquer método para comprá-lo. Submetidas às pressões do traficante e do próprio vício, já não dispõem de tempo para ganhar dinheiro honestamente; partem, portanto, para a ilegalidade: tráfico de drogas, aliciamento de novas pessoas para a droga, roubos, assaltos, etc.

As estatísticas do DENARC (Departamento Estadual de Investigação sobre Narcóticos), órgão de execução da Polícia Civil do Estado de São Paulo, indicaram que, em Janeiro de 1992, dos 41 usuários que procuraram ajuda no DENARC, 10% usavam crack e, em Fevereiro desse mesmo ano, dos 147 usuários, já eram 20%. Esses usuários, em sua maioria, têm entre 15 e 25 anos de idade e vêm tanto de bairros pobres como de ricas mansões.

3.1.5 - O corpo humano e as reações diante do crack

Conforme, divulgado pela SENAD em 2010, a fumaça produzida pela queima da pedra de crack chega ao sistema nervoso central em dez segundos, devido a área de absorção pulmonar

ser grande, seu efeito dura de 3 a 10 minutos, causando uma euforia mais forte do que a da cocaína. O crack tem a propriedade de causar forte e rápida dependência, o que causa uma abstinência incontrolável e crescente, o que os usuários chamam de “fissura”. O usuário de crack apresenta paranoias deprimentes que, minam a autoestima impelindo-o na direção de manter o uso como forma de refúgio dos problemas, o que produz muita depressão, levando o usuário a usar novamente para compensar o mal-estar.

Como o crack é cocaína, todos os efeitos provocados no cérebro pela cocaína também ocorrem com o crack. Porém a via de uso faz toda a diferença em relação ao pó. Assim que o crack é fumado, alcança o pulmão, que é um órgão intensivamente vascularizado e com grande superfície, lavando a uma absorção instantânea. Através do pulmão, cai quase imediatamente na circulação, chegando rapidamente ao cérebro.

Com isso, pela via pulmonar, encurtam o caminho para o cérebro, surgindo os efeitos da cocaína muito mais rápido do que por outras vias, em 10 a 15 segundos. Os efeitos após cheirar o “pó” surgem após 10 a 15 minutos, e após a injeção, em 3 a 5 minutos. Essa característica faz do crack uma droga poderosa do ponto de vista do usuário, já que o prazer acontece instantaneamente após uma fumada no cachimbo (pipada). Porém, a duração dos efeitos do crack é muito rápida. Em média, em torno de 5 minutos, no entanto após injetar ou cheirar, duram de 20 a 45 minutos. Essa certa duração dos efeitos faz com que o usuário volte a utilizar a droga com mais frequência que as outras vias (praticamente de 5 em 5 minutos), levando-o à dependência muito mais rapidamente que os usuários da cocaína por outras vias (nasal e endovenosa).

Logo após a “pipada”, o usuário tem uma sensação de grande prazer, intensa euforia e poder. É tão agradável que, logo após o desaparecimento desse efeito (e isso ocorre muito rapidamente, em 5 minutos), ele volta a usar a droga, fazendo isso inúmeras vezes, até acabar todo o estoque que possui ou o dinheiro para consegui-la.

A fissura, no caso do crack é avassaladora, já que os efeitos da droga são muito rápidos e intensos. O prazer indescritível do uso de crack, muitos comparam a um orgasmo. Além de provocar os mesmos efeitos da cocaína, a falta de apetite é muito característica nos usuários de crack. Em menos de um mês, ele perde muito peso (8 a 10 kg) e em um tempo maior de uso ele perde todas as noções básicas de higiene, ficando com um aspecto deplorável.

A tendência do usuário é aumentar a dose da droga para sentir efeitos mais intensos. Porém, as quantidades maiores levam-no a comportamentos violentos, irritabilidade, tremores e atitudes bizarras devido ao aparecimento da paranóia (“nóia”). Esse efeito lhes provoca muito medo e passam a vigiar o local onde usam a droga e a ter uma grande desconfiança uns dos outros, o que os leva a situações extremas de agressividade. Eventualmente podem ter alucinações e delírios.

O crack pode produzir aumento das pupilas (midríase), que prejudica a visão (visão borrada). Ainda pode provocar dor no peito, contrações musculares, convulsões e até coma. No entanto, é sob o sistema cardiovascular que os efeitos são mais intensos. A pressão arterial pode elevar-se e o coração pode bater muito mais rapidamente (taquicardia). Outros efeitos são: vasoconstrição, hipertensão, cardiomiopatia e arritmia ventricular. As complicações associadas ao uso de cocaína incluem isquemia miocárdica, infarto, espasmo coronariano, arritmia cardíaca, miocardite, cardiomiopatia dilatada, edema pulmonar agudo e morte súbita. (Marlatt, 1999). Em casos extremos, chega a produzir parada cardíaca por fibrilação ventricular. A morte também pode ocorrer devido à diminuição de atividade de centros cerebrais que controlam a respiração. Informações recentes sugerem que o crack pode causar sintomas respiratórios agudos, anormalidades no funcionamento pulmonar e em alguns casos, dano pulmonar agudo fatal.

Segundo Marlatt (1999), sugeriu-se que as mudanças cerebrais provocadas pela droga podem estender-se durante meses ou anos após a abstinência. Um aspecto relevante para a redução de danos e do abuso de substâncias é o efeito das combinações de cocaína com outras drogas, como o cocaetilo, produto metabólico que resulta da ingestão de cocaína com álcool etílico. O interessante é que ele representa o único exemplo conhecido onde o corpo produz uma terceira droga, produzida exclusivamente durante a administração conjunta das duas drogas de abuso. Dessa forma, o uso de álcool e cocaína juntos, envolve a interação de três drogas, todas psicoativas e tóxicas. Esse dado é importante para entender a alta prevalência de dependência de álcool entre indivíduos com dependência de cocaína. Pode-se pensar que o crack é mais seguro do que a cocaína em relação às DSTs e AIDS, já que por essa via não compartilham seringas e agulhas. Entretanto, mulheres usuárias de crack, prostituem-se para obter a droga e geralmente o fazem sob o efeito da fissura. Nesse estado, perdem a noção do perigo e não procedem a um sexo seguro, expondo-se às DSTs e AIDS e podem transmitir o vírus a seus parceiros.

3.2 Capítulo 2: O Crack e a Escola

3.2.1 - Como o crack entra na escola

Em 2009 a titular da Secretaria Nacional Antidrogas, Paula Vieira Duarte, afirmou a revista *Veja*, que não há números globais sobre a penetração das drogas nas escolas brasileiras. Contudo, a impressão generalizada e os dados esparsos indicam que ela avança. Pesquisas locais já apontavam para o uso precoce dessas substâncias, revela a mesma.

Quando projetamos os fatores que levam a entrada do crack nas escolas, observamos que a ausência de segurança é o que mais favorece, pois a maioria dos colégios não contam com porteiros, o que facilita a circulação de pessoas que não tem nenhum vínculo com a escola.

Outro fator bastante pertinente, que inclusive justifica esse trabalho, é a ausência de conhecimentos prévios dos alunos sobre os malefícios que o crack provoca no organismo do homem.

3.2.2 - Como as escolas têm reagido ao problema do crack

O tema crack normalmente é abordado nas escolas na forma de projeto, onde o aluno monta uma apresentação e expõe para a comunidade escolar, com textos retirados de algumas publicações sobre a temática, e que são repetidos exaustivamente pelos alunos, como algo decorado, mesmo assim é algo esporádico, nada assegura que no próximo ano o assunto venha ser abordado novamente.

3.2.3 - Como o crack pode sair da escola

A educação no Brasil é direito garantido na Constituição Federal, no artigo 6º, sendo apreciada como um direito de todos e dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Tendo como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, não somente no campo da qualificação profissional, como também no seu preparo para o exercício da cidadania.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1996, apoiados em diversas publicações mundiais, recomendam que o ensino formal deva desenvolver os estudantes de forma plena considerando para tanto, aspectos: Da cidadania, da dignidade, do direito à informação, do

acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, a socialização e o atendimento dos alunos visando à sobrevivência e desenvolvimento da sua identidade.

Para tanto, através da implementação intencional, sistemática, planejada e contínua para crianças, adolescentes e jovens, (PCNs, Introdução 1998; 42), os temas transversais, ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, trabalho e consumo presentes em todos os componentes curriculares e em todos os ciclos de escolarização, ao final do processo, terão desenvolvido um cidadão integral. Isto significa que através das áreas e dos diversos componentes curriculares, anteriormente denominados Disciplinas e Atividades (PAR.CFE 853/71), objetiva-se a transmissão, a disseminação, a apropriação de ideias (TYLER, 1986 e LA TAYLE, 1990), fatos e habilidades de ordem afetiva, cognitiva e motora.

É relevante considerar que as drogas é um problema de todos, pois de alguma forma ela acaba interferindo em vários setores da vida do indivíduo. A decisão por fazer uso de drogas culmina, traz como consequências: A violência, a opressão, baixo rendimento escolar, dentre outros. A maioria das ações da escola em combate as drogas, são de cunho informativo, e não conseguem atingir, o grande objetivo, que é levar os jovens a uma reflexão. Decidir usar o crack é um ato, em sua maioria, irrefletido pelo usuário, pela ausência de conhecimento prévio sobre as consequências dessa atitude.

A proposta é de trazer a temática do crack para dentro da sala de aula, pelos professores para que o tema, assuma o patamar de assunto a ser estudado e discutido, da mesma forma que estudamos átomos, moléculas, sistema nervoso central, iremos estudar também todas as reações químicas e biológicas que ocorre no organismo do homem quando ele faz uso do crack, o que provoca a dependência tão rápida da droga, como age no nosso sistema nervoso central, causas, consequências, de que, e como o crack se forma.

Para tanto, torna-se necessário ao professor, o conhecimento de estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências de pensar, além da abertura, em suas aulas, para a reflexão dos problemas sociais, possibilitando aulas mais democráticas, através de um saber emancipador. Pois, apropriar-se criticamente da realidade significa contextualizar um determinado tema de estudo, compreendendo suas ligações com a prática vivenciada pela humanidade (LIBÂNEO, 1998, p. 42).

Toda e qualquer estratégia de combate ao crack, será inútil, se não conseguir provocar o público alvo do crack, a interação entre eles, o assunto, e o mediador é indispensável para o êxito. Não podemos negar a complexidade de trabalhar esta temática em sala de aula, requer do professor informações, que talvez, falte a ele mesmo.

Ter mais de um emprego é algo quase inerente à vida dos professores, a quantidade de turmas chega ser algo absurdo. É complicado abordar temas que fogem do corriqueiro das aulas. Pensando nisto sugiro abaixo um plano de aula para ser trabalhado em três encontros com aulas geminadas:

Primeiro encontro

PLANO DE AULA Nº 01	
Série: 1º, 2º ou 3º ano do 2º grau	
Duração: 1 hora e 40 minutos	
Tema	Reações com o cloridrato de cocaína
Objetivos	1-Compreender a formação de compostos orgânicos e inorgânico no processo de formação do crack. 1-Propriedades físicoquímicas dos produtos resultantes.
Metodologia	A utilização de um vídeo, que trata a organização dos átomos que formam a molécula que origina o crack. Formação de grupos para discussão do texto e do vídeo.
	<ul style="list-style-type: none"> • -Data show. • -Aparelho de Som.

Recursos didáticos	<ul style="list-style-type: none"> • -Notebook. • Livro paradidático
Ações do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Mediador • Pesquisa de métodos alternativos.
Avaliação	Análise do diálogo entre os grupos
Referencias	Usberco salvador, Química volume 1 quymicanocotidiano.blogspot.com

Segundo encontro

PLANO DE AULA N°. 02	
Série: 1°, 2° ou 3° ano do 2° grau	
Duração: 1 hora e 40 minutos	
Tema	Crack X Corpo humano
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir os malefícios para o corpo humano. • Compreender os processos ocorridos no nosso sistema nervoso e respiratório.

Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Ação interdisciplinar que culmina com uma palestra da professora de Biologia.
Recursos didáticos	<ul style="list-style-type: none"> • Data show. • Aparelho de Som. • Notebook.
Ações dos professores	<ul style="list-style-type: none"> • Mediadores no processo de construção dos conceitos envolvendo os malefícios causado pelo crack ao organismo humano
Avaliação	Realização de uma dissertação sobre o tema
Referências	Edard, Dani, Ciências biológica Usberco salvador, Química volume 1

Terceiro encontro

PLANO DE AULA N° 03	
Série: 1º, 2º ou 3º ano do 2º grau	
Duração: 1 hora e 40 minutos	
Tema	O avanço do crack na sociedade brasileira

Objetivo	Identificar as principais mudanças causadas pelo crack na sociedade
Metodologia	Aula expositiva, contextualizada e dialogada, que visam conceituar e identificar os principais problemas trazidos após o surgimento do crack para a sociedade. Ação interdisciplinar que culmina com a mediação da professora de história ou sociologia.
Recursos didáticos	<ul style="list-style-type: none"> • Data show. • Aparelho de Som. • Notebook.
Ações do professor	Mediador nas discussões entre os grupos sobre os conceitos envolvendo as transformações da sociedade.
Avaliação	Análise do diálogo entre os grupos
Referencias	BARRETO, Adalberto. As dores da alma dos excluídos do Brasil . In: GRANDESSO, Marilene, BARRETO, Miriam Rivalta (org). <i>Terapia Comunitária – Tecendo Redes para a transformação Social, Saúde, Educação e Políticas Públicas</i> . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007

3.2.4 - O crack traz a violência para a escola?

Um dos principais motivos de atitudes violentas nas escolas, é o uso ou venda do crack dentro ou nas proximidades dos colégios. A violência vai de agressões verbais, a depredações de patrimônio público, ou até mesmo a agressões físicas.

O crack provoca uma euforia momentânea, causa reações no sistema nervoso central, o usuário perde totalmente o controle de suas ações, o que coloca sua vida e das demais pessoas em risco.

É comum a venda de crack ocorrer na frente de escolas, através de estabelecimentos comerciais. No Município de Jaboatão dos Guararapes, por determinação de Lei Municipal, nos limites das escolas públicas não pode haver a prática de comércio. Essa atitude foi tomada visando inibir o tráfico de drogas na frente dos colégios.

3.3 Capítulo 3: A Pesquisa de Campo

Visando justificar o seguinte trabalho, nos debruçamos em analisar o seguinte questionamento, será que o usuário de crack ao ter seu primeiro contato com a droga, tem conhecimento das reações químicas e biológicas que irá ocorrer em seu corpo, a partir daquele primeiro contato com o crack?

Para embasar o trabalho foi aplicado um questionário aos alunos do ensino médio da Escola João Paulo I, o mesmo foi composto em 4 partes, respeitando a seguinte divisão:

- QUESTIONÁRIO A: Voltado a traçar o perfil do aluno, como também as peculiaridades de sua família e do seu grupo de amigos.
- QUESTIONÁRIO B: Composto por perguntas relacionadas a química do crack.
- QUESTIONÁRIO C: O aluno respondeu perguntas que envolveu seu senso crítico, como também sobre a legislação sobre as drogas.
- QUESTIONÁRIO D: O aluno avaliou a relevância do tema para sua vida.

Participou desta sondagem 115 alunos do ensino médio da Escola João Paulo I, com o seguinte perfil:

- Idade: 14 a 18 anos.
- Sexo: 68 feminino e 47 masculino.

O questionário foi aplicado entre os meses de fevereiro e maio de 2012, nos turnos diurnos e noturnos, durante as aulas dos professores que participaram da pesquisa.

Também foi aplicado como instrumento de sondagem um questionário há dois professores da Escola João Paulo I, os mesmos da rede estadual de ensino, ambos lecionam apenas para alunos do ensino médio.

Iremos identifica-los como, **Professor A** e **Professor B**. O questionário foi aplicado na sala de professores da própria escola, no mês de Agosto do ano de 2012.

Perfil do Professor A: Formado em matemática, não tem pós-graduação, nunca participou de curso de reciclagem, leciona há 3 anos na rede estadual de ensino, na forma de contrato

temporário, até a data da entrevista trabalhava apenas na escola João Paulo I, onde ensina química há três turmas e matemática há 4 turmas.

Perfil do Professor B: Formado em Ciências Biológicas, não tem pós-graduação, já participou de curso de reciclagem, leciona há 6 anos na rede estadual de ensino, na forma de funcionário efetivo, trabalha em duas escolas, nos três turnos, ambas estaduais, leciona a disciplina de biologia, química e matemática, o mesmo está com 14 turmas.

3.4 Capítulo 4: O Papel do Conselho Tutelar

Com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Surgiu também o Conselho Tutelar, que é um órgão público, permanente, autônomo, não jurisdicional, seus membros são eleitos pela comunidade local para zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente que atua no âmbito do município e tem a função específica de atendimento a cada caso de maus tratos, espancamentos, violência sexual, negligência, exploração do trabalho infantil, abandono ou quaisquer outras formas de violência cometidas contra crianças e adolescentes.

Entre as suas atribuições previstas no artigo 136 do ECA, referente a aplicação das medidas de proteção à criança e ao adolescente, sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados, segundo o artigo 98 do ECA: Por ação ou omissão da sociedade ou do Estado, por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável e em razão de sua conduta.

O Conselho Tutelar é um parceiro na aplicação das medidas protetivas, é um órgão auxiliar das famílias que necessitam apoio para acionar as políticas públicas já existentes para tratamento de usuários de crack.

4.0 METODOLOGIA

Nesse sentido, buscamos analisar as concepções dos alunos em relação ao crack, procuramos identificar as possibilidades e dificuldades dos mesmos em se depararem com uma abordagem científica da droga.

O processo de investigação foi orientado, principalmente, por aspectos peculiares à abordagem qualitativa, e tiveram como característica a interpretação dos fenômenos e atribuição de significados, buscando explicações em profundidade dos dados coletados (OLIVEIRA, 2003; GIL, 2007).

Em uma abordagem qualitativa, outro aspecto inerente é a preocupação com o processo e não simplesmente com o produto, segundo Triviños (1987) e isto é perceptível na nossa investigação, na medida em que foi procurado sempre analisar as concepções dos alunos em relação à problemática do crack e as possibilidades e/ou dificuldades para uma abordagem nas aulas.

Cabe ressaltar, que esta pesquisa, quanto à natureza de seus objetivos, assumiu um caráter descritivo, por buscar descrever as características de determinada população e fenômeno. Em outros aspectos, este trabalho assumiu um caráter explicativo, pois também teve a preocupação em identificar os fatores que possibilitam ou dificultam para a ocorrência do fenômeno. Como destaca GIL (2007, p.43), “uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de uma descritiva, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado”.

4.1 Contexto da pesquisa

Para realização da pesquisa, se fez necessário inicialmente uma aproximação com a direção da escola João Paulo I, localizada no bairro de Prazeres, na cidade do município de Jaboatão dos Guararapes/PE, como também a disponibilidade dos alunos em participarem deste projeto.

A escolha da escola justificasse no fato da mesma estar situada em uma cidade da região metropolitana. O nosso público alvo são alunos do ensino médio.

4.2 Professores participantes

Participaram dois professores.

4.3 Instrumentos de pesquisa

Utilizamos como instrumentos de pesquisa da investigação: Questionários.

4.4 etapas que foram vivenciadas

Para atingir o primeiro objetivo, realizamos uma sondagem, aplicando um questionário, para identificar a visão dos alunos participantes sobre a temática do crack..

Objetivando atingir o segundo objetivo, realizaremos a aplicação de um questionário com os professores sobre os fundamentos teórico-metodológicos relacionados com a temática que já foram realizadas como forma intervenção pela escola abordando o problema do crack.

O questionário contemplará os seguintes eixos sobre a temática:

- Contribui para o desenvolvimento de uma escola includente, preocupada em educar a todos de modo igualitário e democrático;
- Está voltada para as reais necessidades vividas no dia-a-dia, levando em conta o que se passa no local de trabalho dos professores;
- Está inserida num processo permanente de formação profissional e articuladas com o projeto pedagógico da escola;
- Contribui para fortalecer o professor como sujeito de sua formação e de sua atuação;
- Considera a importância das condições em que os professores exercem suas funções.

Para alcançar o terceiro ponto da pesquisa, foi elaborado três planos de aula, voltados a trabalhar as reações do crack no organismo humano.

4.5 análises dos dados

Nortearmos-nos por alguns dos procedimentos inerentes à análise de conteúdo conforme discutido por Bardin (1977). Inicialmente, foi realizado uma leitura das respostas fornecidas pelos alunos e professores investigados de modo a organizar as categorias relacionadas ao nosso objeto de estudo.

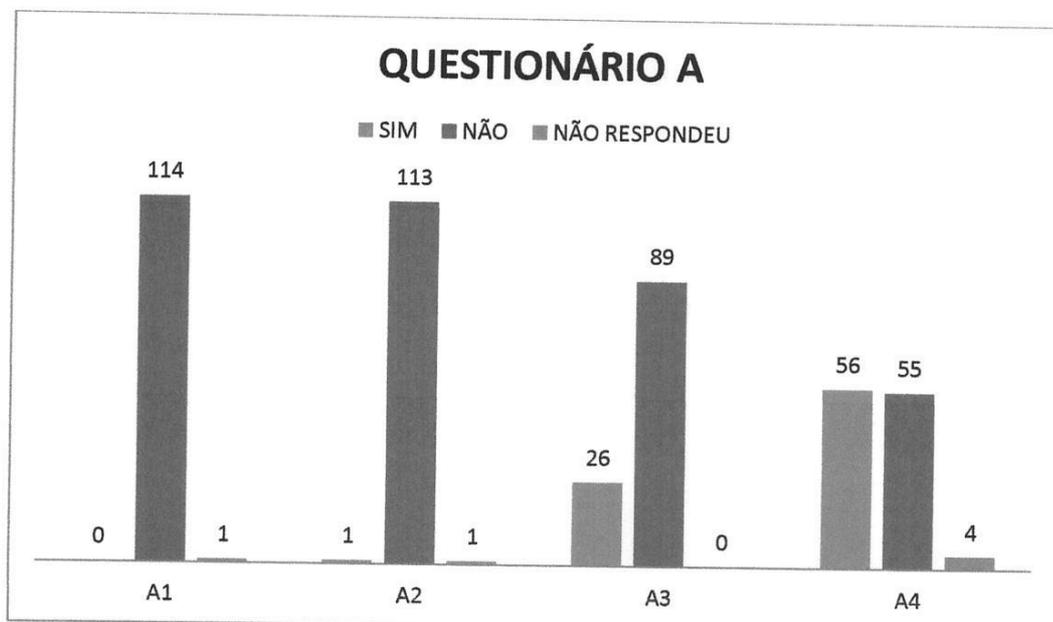
5.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segue abaixo, questionário e seus respectivos resultados na forma de gráfico:

QUESTIONÁRIO A:

- **A1:** JÁ FEZ USO DE CRACK: ()SIM, IDADE QUE INICIOU OU ESPERIMENTOU: ___ ()NÃO
- **A2:** NA SUA CASA ALGUÉM É USUÁRIO DE CRACK: ()SIM, QUANTOS: ___ ()NÃO
- **A3:** VOCÊ TEM AMIGOS USUÁRIOS DE CRACK: ()SIM, QUANTOS: ___ ()NÃO
- **A4:** VOCÊ JÁ FEZ ALGUM TRABALHO COM A TEMÁTICA DROGA: ()SIM ()NÃO

GRÁFICO 1

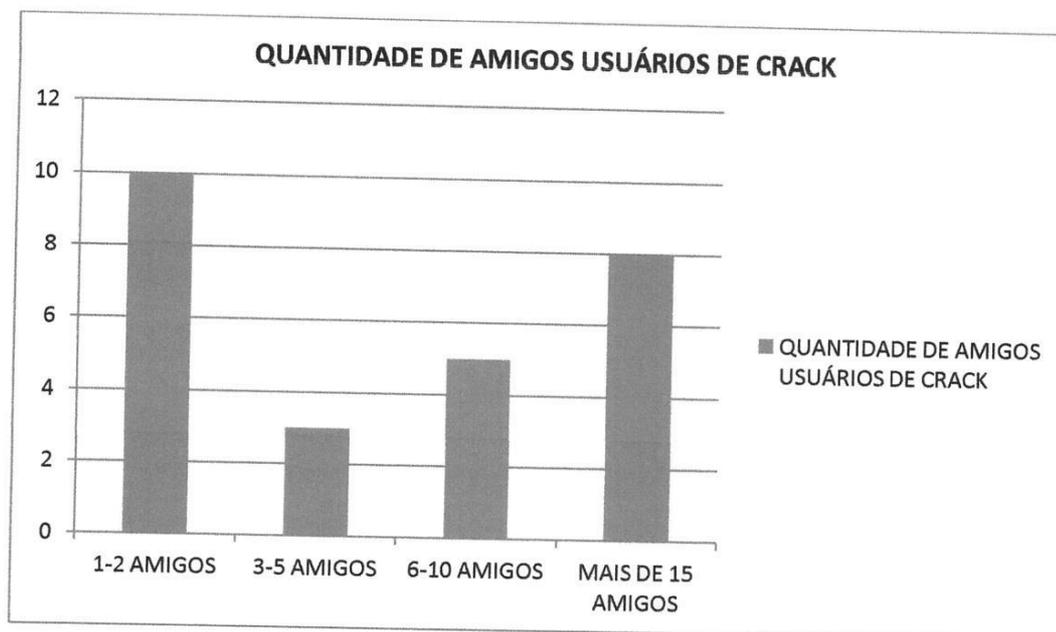


FONTE: Elaborado pela autora

No item **A2**, apenas um aluno respondeu que teria um usuário de crack em sua casa.

Podemos observar no item **A3**, que 26 alunos teriam amigos usuários de crack. Destacando ainda que perguntamos a quantidade aproximada de amigos que os entrevistados teriam, como mostra o gráfico abaixo:

GRÁFICO 2



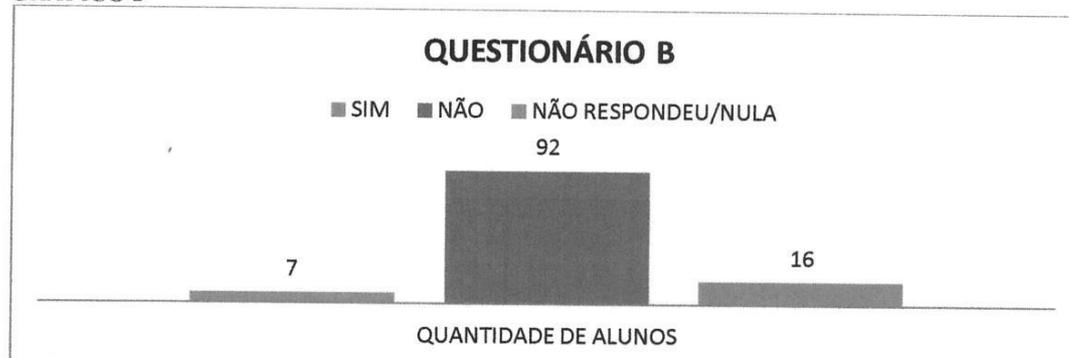
FONTE: Elaborado pela autora

QUESTIONÁRIO B:

Crack: você consegue me responder essas perguntas? () sim () não se sim, responda!

- Nome científico:
- Nome usual:
- Fórmula estrutural:
- Fórmula molecular:
- Causas:
- Consequências:

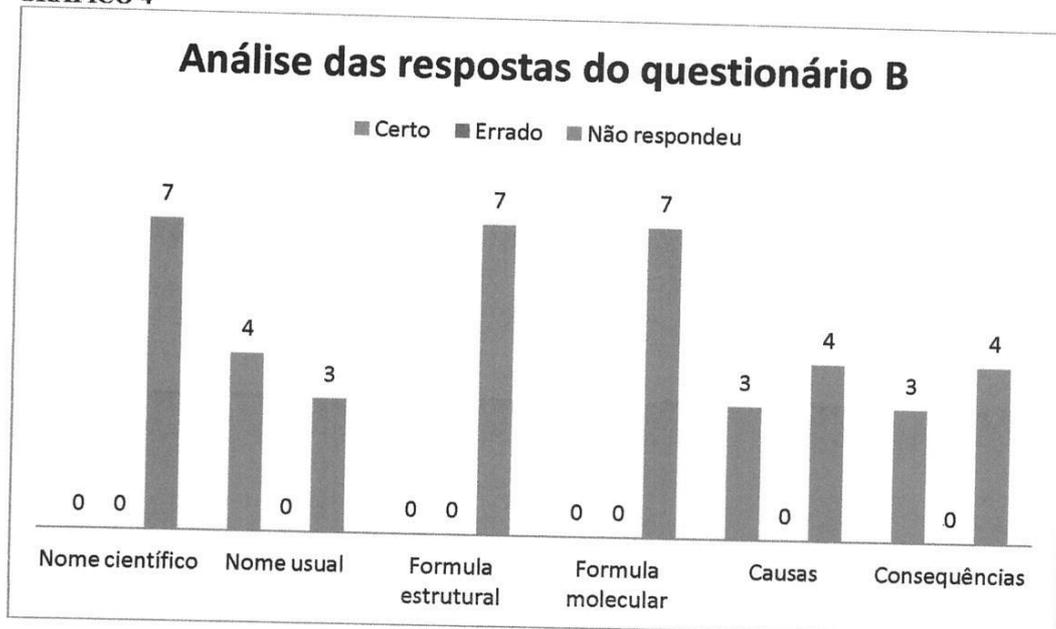
GRÁFICO 3



FONTE: Elaborado pela autora

Analisando ainda, a quantidade de alunos que responderam sim, destacamos no gráfico a baixo a quantidade de acertos e erros:

GRÁFICO 4



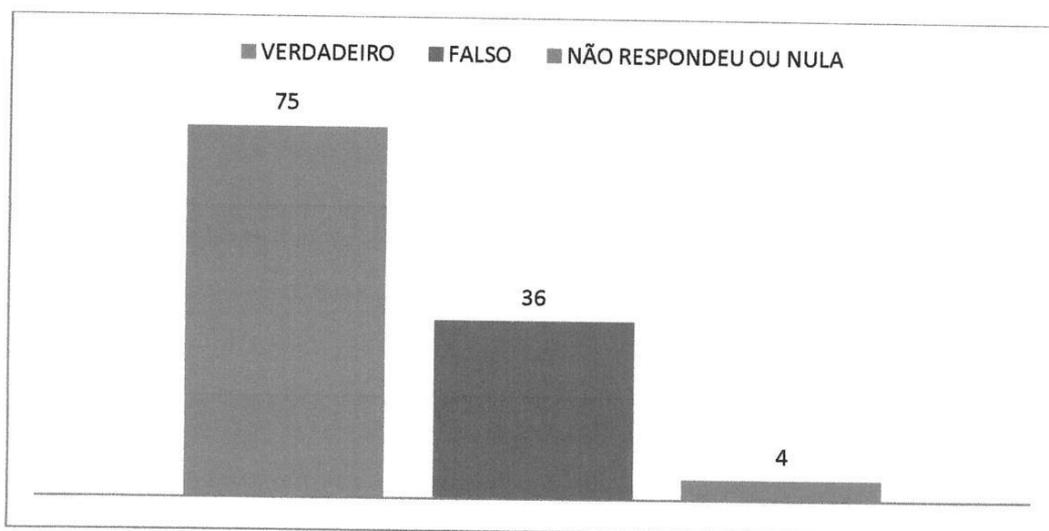
FONTE: Elaborado pela autora

QUESTIONÁRIO C:

Avalie as frases e coloque "V" para as verdadeiras e "F" para as falsas:

1. () o usuário **experimentalador** é aquela pessoa que faz uso do crack vez ou outra na vida por curiosidade.

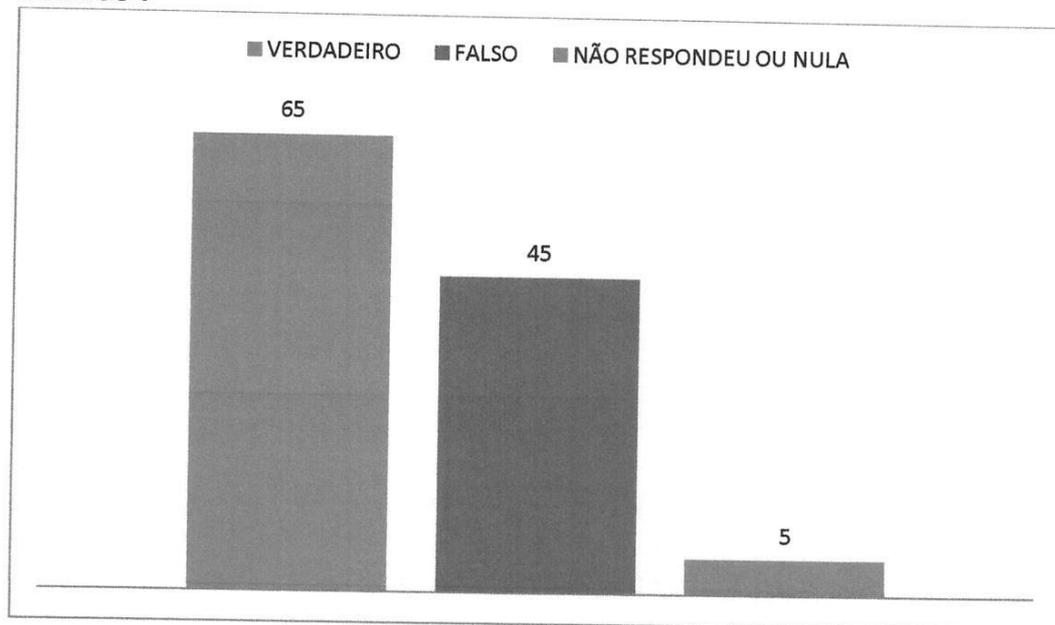
GRÁFICO 5



FONTE: Elaborado pela autora

2. () o usuário **social** ou **recreativo** é aquele que consome o crack de forma intensa e extremamente danosa para a sua vida e é dependente da droga.

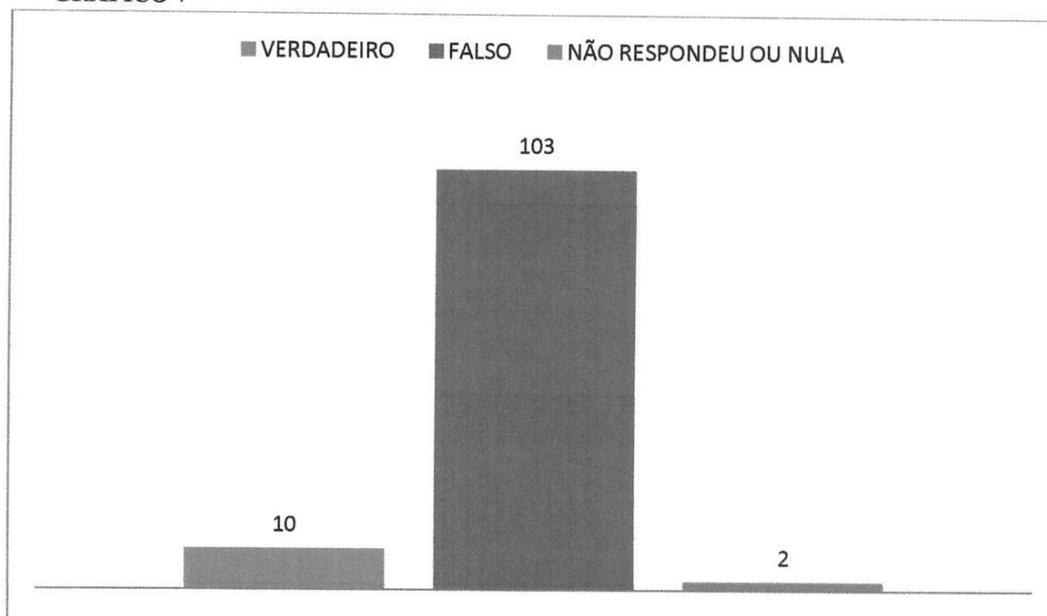
GRÁFICO 6



FONTE: Elaborado pela autora

3. () o crack não é uma substância psicotrópicas, pois não atinge o **sistema nervoso central** e não muda o comportamento, percepção, humor, coordenação motora.

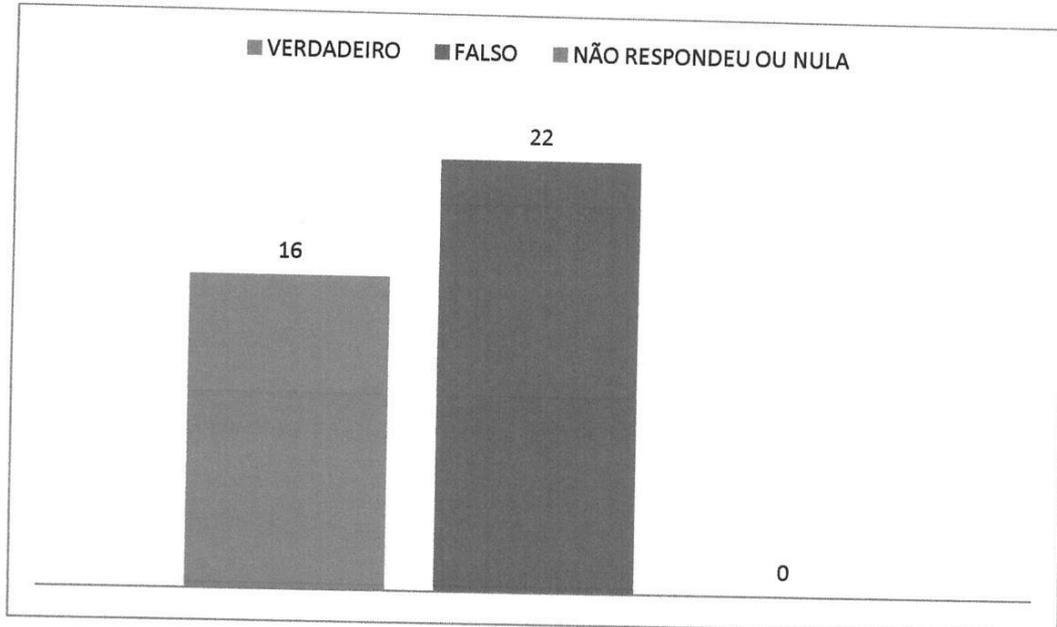
GRÁFICO 7



FONTE: Elaborado pela autora

4. () Quanto à legalidade do crack, é uma droga **lícita (legal)**.

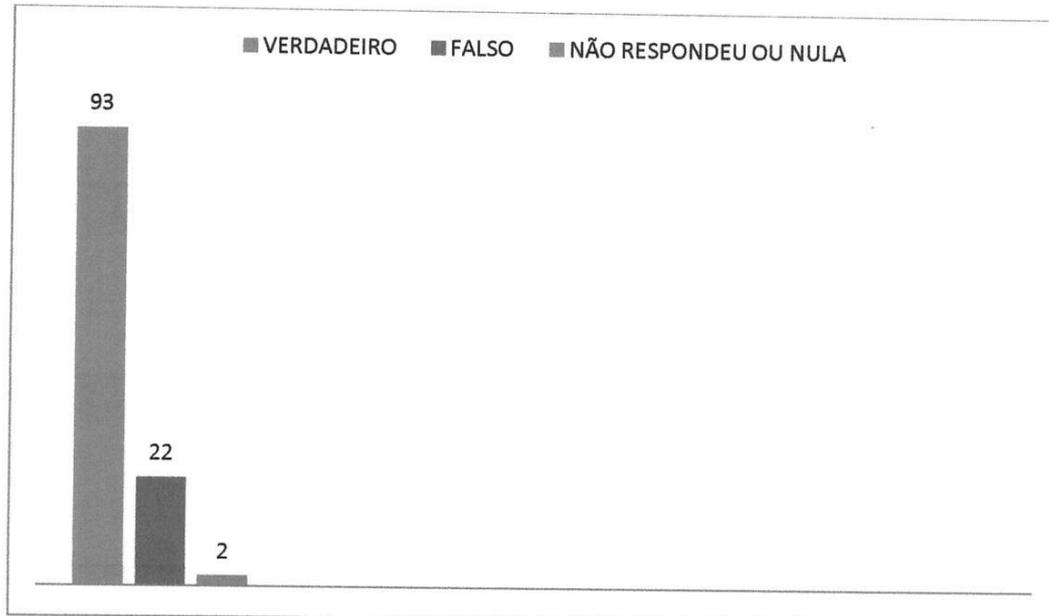
GRÁFICO 8



FONTE: Elaborado pela autora

5. () o crack é uma droga **ilícita (ilegal)**.

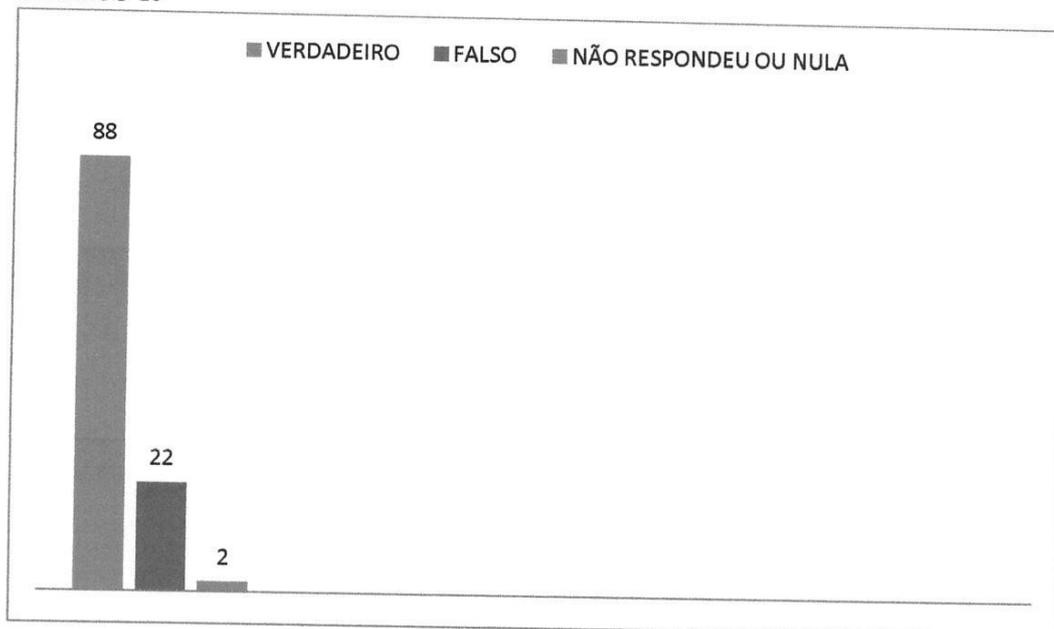
GRÁFICO 9



FONTE: Elaborado pela autora

6. () a pessoa que fuma 20 pedras de crack por dia , passa a consumir 10, depois 5 ela está usando a **abordagem de redução de danos** para o seu tratamento.

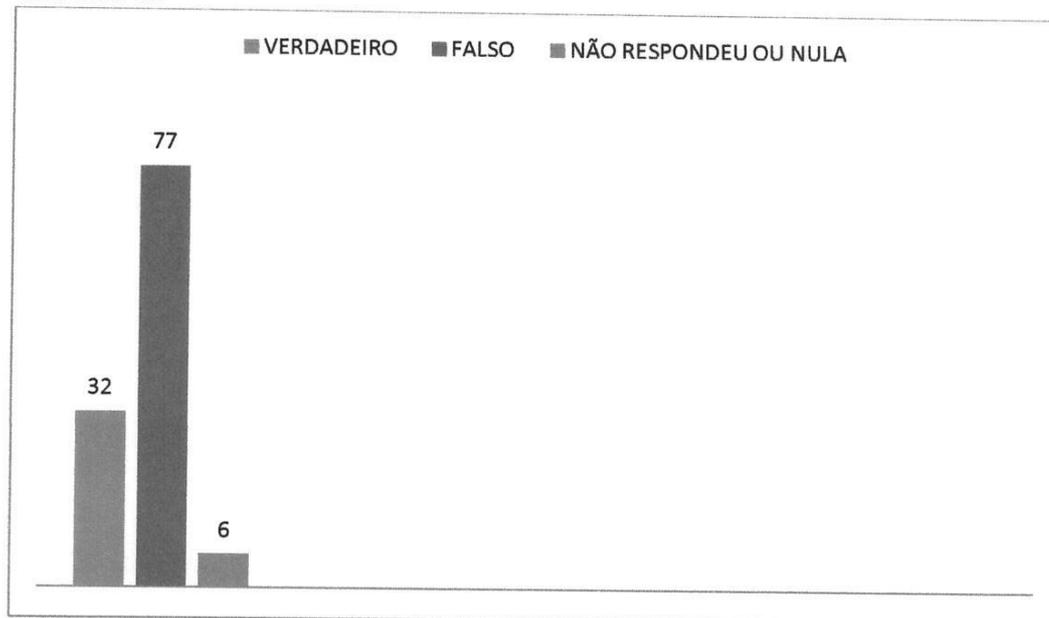
GRÁFICO 10



FONTE: Elaborado pela autora

7. () não existe usuário **dependente** sem problemas decorrentes do uso do crack.

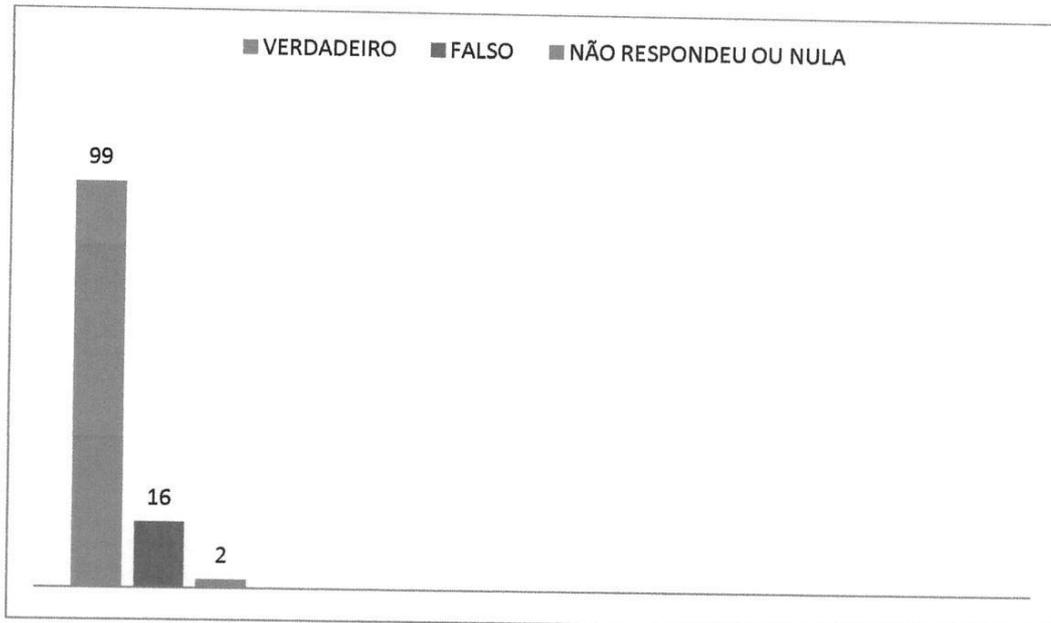
GRÁFICO 11



FONTE: Elaborado pela autora

8. () a maconha é uma droga com um potencial ofensivo menor que o crack ao organismo humano.

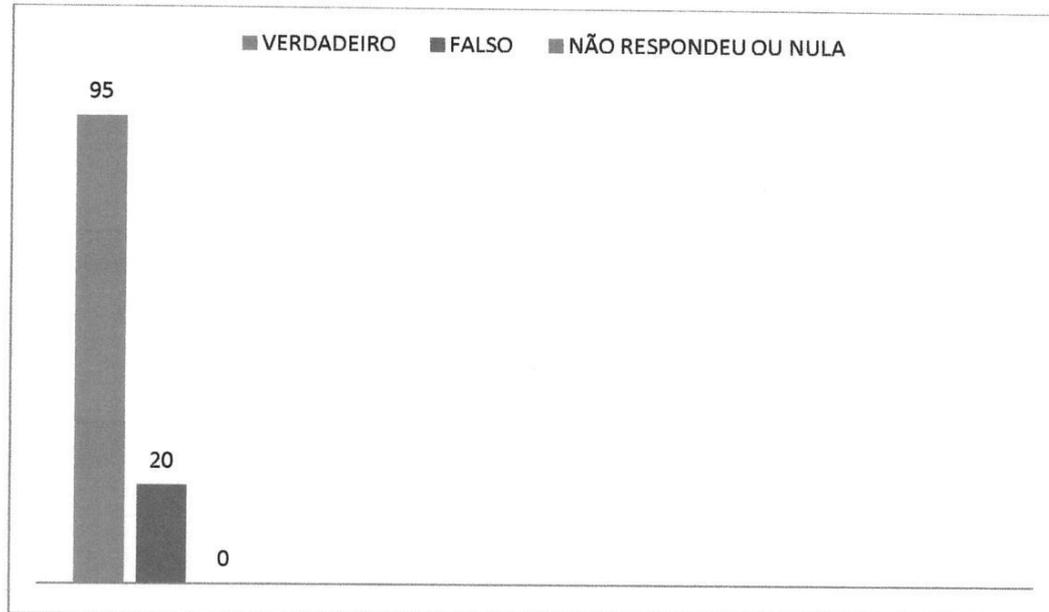
GRÁFICO 12



FONTE: Elaborado pela autora

9. () a **fissura** é a vontade incontrolável de usar o crack.

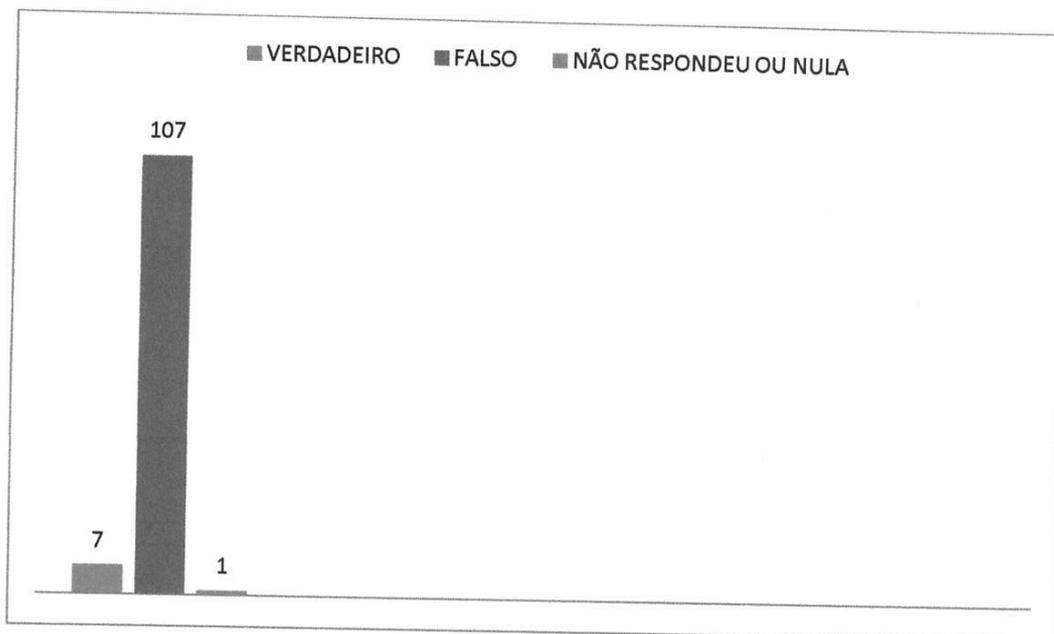
GRÁFICO 13



FONTE: Elaborado pela autora

10. () o **usuário dependente** tem controle sobre o uso do crack, tem noção do seu limite e quando apresenta consequências nocivas deixa de consumir a substância.

GRÁFICO 14

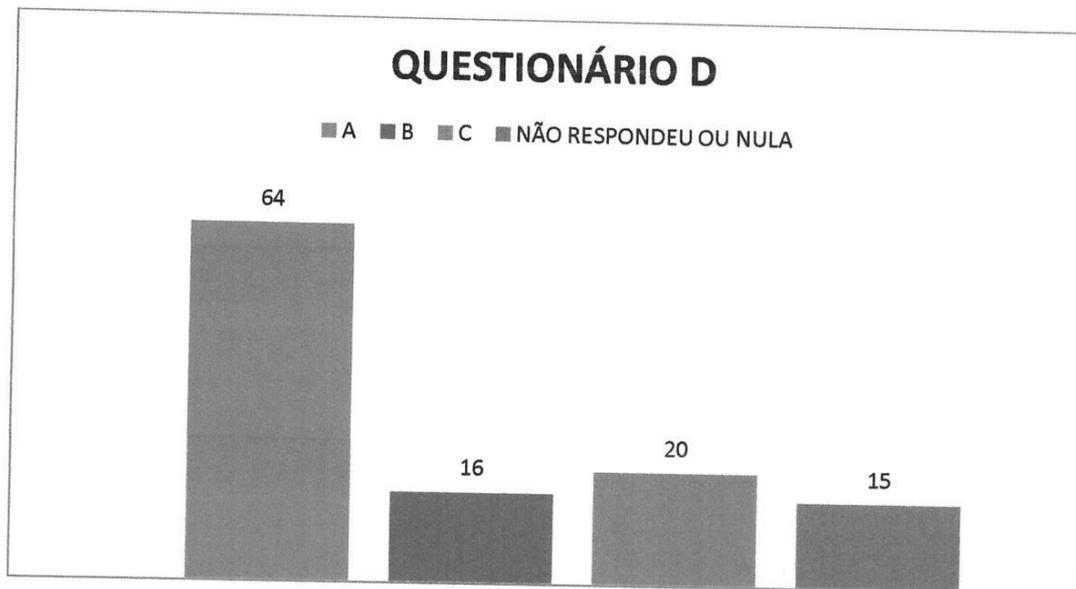


FONTE: Elaborado pela autora

QUESTIONÁRIO D:**Como você se avalia após o questionário?**

- A) () Gostaria de ter mais conhecimento científico sobre o crack. E acho importante para prevenção contra o crack.
- B) () Não tenho conhecimento científico nenhum sobre o crack. Mas não tenho interesse pelo tema.
- C) () Estou satisfeito com os meus conhecimentos científicos sobre o crack. Porém quero me aprofundar mais.

GRÁFICO 15



FONTE: Elaborado pela autora

Aproximadamente 56% dos entrevistados, afirmaram a relevância do assunto, e o interesse em ter seus conhecimentos aprofundados. Reconhecendo também que o conhecimento científico sobre o crack, ajudaria no combate a droga.

Questionário com os professores:

Segue abaixo, questionário e seus respectivos resultados:

1º. Há preparação e planificação em suas aulas?

() Sim

() Não

Resposta: Professor A (SIM), Professor B (NÃO)

2º. Você tem interesse pelos alunos como pessoas?

() Sim

() Não

Resposta: Professor A (SIM), Professor B (SIM)

3º. Você participou do último encontro de pais e mestres?

Sim

Não

Resposta: Professor A (SIM), Professor B (NÃO)

4º. Faz ligação entre a nova informação e a informação já adquirida pelos alunos?

Sim

Não

Resposta: Professor A (SIM), Professor B (SIM)

5º. Mesmo não tendo formação em uma determinada disciplina, sente-se segura em contextualiza-la em sala de aula?

Sim

Não

Resposta: Professor A (SIM), Professor B (NÃO)

6º. Você abordaria a temática crack em sala de aula em forma de conteúdo?

Sim

Não

Resposta: Professor A (NÃO), Professor B (NÃO)

7º. Tem algum aluno viciado em crack?

Sim, quantos ___

Não

Resposta: Professor A (NÃO), Professor B (NÃO)

8º. Algum aluno já lhe fez alguma pergunta relacionada ao crack?

Sim

Não

Resposta: Professor A (SIM), Professor B (NÃO)

9º. No Projeto Político-Pedagógico (PPP) desse ano há alguma atividade relacionada a prevenção ao crack?

Sim

Não

Resposta: Professor A (NÃO), Professor B (NÃO)

10º. Você acha que a escola pode ajudar na prevenção ao crack efetivamente?

Sim

Não

Resposta: Professor A (SIM), Professor B (SIM)

6.0 CONCLUSÃO

A escola precisa assumir seu papel perante a sociedade, implantando a prevenção ao crack a sua grade curricular, para abordar a temática, não de uma forma pontual, como uma apresentação em uma feira de ciências, mas sim trabalhar o combate ao crack com uma perspectiva interdisciplinar. O assunto é próximo à realidade dos alunos, o tema já é gerador de discussões entre os profissionais da educação.

Mas, para abordar o tema em sala de aula, é preciso habilidade e conhecimento. Não é uma aula que o professor possa enfrentar sem ter preparado nada específico antes, requer ou apenas com pesquisas corriqueiras da internet, requer do Estado também capacitações que visem enriquecer os conhecimentos dos professores sobre o crack.

A pesquisa mostrou que 80% dos alunos do ensino médio da escola João Paulo I, não conseguem responder o questionário B, referente às informações científicas do crack, apesar de 20 % ter respondido, apenas dois itens era corretamente informado, o nome científico do crack e as consequências do uso da droga, às demais questões, como nome científico, fórmula molecular e estrutural não foram respondidas.

Ao analisar os dados da pesquisa percebemos que 55% dos alunos têm interesse pelo tema, e que deseja se aprofundar mais na temática. É uma questão polêmica e não é fácil propor ou executar soluções, mas a escola não pode se manter inerte diante da problemática do crack.

7.0 REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 2006.
- FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra.
- GALDURÓZ, José Carlos F. // *Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país 2005*, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, São Paulo, SP, 2006.
- GIL, A. C. *COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 171 p.
- LA TAYLE, Y. *Transmissão do conhecimento*. In *A criança e o conhecimento: retomando a proposta pedagógica do ciclo básico*. São Paulo: SE/CENP. 1990. 9-19.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996
MEC: Introdução. Disponível: [TTP://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf). -
acessado em: 18/12/2012.
- MASUR, Jandira e CARLINI, Elisaldo. *Drogas: subsídios para uma discussão*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MARLATT, G. Alan. *Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*. Artes Médicas Sul, Porto Alegre, 1999.
- OLIVEIRA, M. M. *COMO FAZER: PROJETOS, RELATÓRIOS, MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES*. RECIFE: EDIÇÕES BAGAÇO, 2003. 174P.
- Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias*. - 3.ed.- Brasília: Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas - SENAD, 2010.
- SHULMAN, L. S. *Knowledge and teaching: foundations of the new reform*. Harvard Educational Review. Cambridge, v. 57, n. 1, p. 1-22, 1987.
- TRIVIÑOS, A. N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 1.ed. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.
- TYLER, R.W. *Princípios básicos de currículo e ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas. Globo. 1986. 119p.

VASCONCELOS, Y.(1998). Paisagem Turva. Revista Época, Ano I, n.º 10, pp. 76-77, 27 jul.